

A filosofia dos cabelos invertidos



Juliana Bruno

A filosofia
dos cabelos invertidos

P Corrêgo

B898

Bruno, Juliana

A filosofia dos cabelos invertidos / Juliana Bruno. – São Paulo:
Córrego, 2019. Série Polifemo.

48 p.; 16 × 23 cm

ISBN 978-85-7039-040-0

1. Literatura brasileira. 2. Poesia brasileira.

I. Bruno, Juliana. II. Título.

CDD B869.1

Imagem de capa Lilli Ferreira

Diagramação Gabriel Kolyniak

Editora Córrego
Rua Araújo 355 31
Centro São Paulo SP
01220-020
editoracorrego.com.br

CONHECER JULIANA BRUNO
Seraphim Pietroforte

Juliana Bruno me disse, certa vez, que muitos poetas enveredam pela filosofia, mas a maioria parece que não leu tão bem assim os livros citados. Por isso mesmo, ela resolveu fazer poesia como se conversasse com filósofos, artistas, poetas, pensadores...

Conheci Juliana por meio de redes sociais. Ela mora em Vitória, no Espírito Santo; para mim, o estado mais misterioso do Brasil. Nunca nos falamos pessoalmente; sabendo dos meus trabalhos com a literatura, ela resolveu me enviar seus poemas.

No começo, eram poemas esparsos; entretanto, depois que a convenci a organizá-los em forma de livro, Juliana parece haver disposto os 40 poemas de *A filosofia dos cabelos invertidos* em uma narrativa.

O título do livro já encaminha seu projeto poético: Juliana faz poesia feminina, os cabelos invertidos são os cabelos pubianos – o delta de Vênus –. Próxima das mulheres cerebrais, Juliana quebra o paradigma machista da mulher sensível e sentimental, vítima do coração. Cerebral, sem ser assexuada; sua poesia vem do nexo e do sexo, nunca do plexo.

Nos cinco primeiros poemas, ela se define em relação a outras mulheres – algumas amigas da sabedoria, outras nem tanto, de quem ela se afasta veementemente. Em seguida, ela prova vinho, leite, mel e água: seu batismo antes de se desenvolver em outros temas.

Sempre às voltas com citações e referências, cuja função é lançar o poema para fora do texto, libertando a poesia das estruturas que lhe dão forma, Juliana, a seu modo, afirma

constantemente as reflexões de Roland Barthes a propósito das diferenças entre obra e texto: (1) a obra é fixa, acabada em si mesma; (2) o texto se abre em contínuas revoluções acerca da significação, que não se esgota...

Nessas projeções para fora do texto, a autora não recorre apenas a citações de pessoas ou pontos de vista filosóficos; em suas intertextualidades, ela também convoca formas poéticas estabilizadas nas histórias das literaturas. Eis alguns exemplos desses procedimentos:

- (1) recorrência à poesia sonora: Juliana cita o início do conhecido poema sonoro de Kurt Schwitters, *Ursonate*, em um dos poemas da série “Blowjob com _____”;
- (2) há poesia sonora, mas não apenas isso: no poema “Noo-nauta”, os versos finais, antes de serem poemas sonoros, são a expressão oral de uma tala de 12 tempos, utilizada em divisões rítmicas da música indiana;
- (3) recorrência à poesia visual: em “Poesia visual 1” o arame enrolado é onda senoidal de música eletroacústica e metáfora erótica;
- (4) uso constante de poesia conceitual, encaminhando as poéticas do pensamento, nas quais a ideia já é arte;
- (5) nos diálogos, há a presença de cientistas ao lado de artistas e filósofos, principalmente os físicos;
- (6) diálogos com o universo pop, do rock à pop-art.

Sobre os poemas, ela me dizia assim: “sigo pelo menos um procedimento na hora de compor: para dialogar constantemente com a filosofia e as humanidades, cada poema deve ter, no mínimo, uma citação; se será verso livre ou não, isso eu resolvo depois”.

Em “Orlando em Amsterdã”, há a temática das drogas; Orlando está fumando maconha em Amsterdã, contudo, o poema não para nessa anedota. O Orlando citado é o famoso

herói das epopeias *Orlando Enamorado* e *Orlando Furioso*; isso se percebe por meio da releitura da “loucura” do *Orlando Furioso* – a loucura do amor se torna a “loucura” do fumo –, mas também pela versificação, a mesma do poema de Ariosto.

No final do livro, abrem-se novas chaves de leitura; os sete poemas finais tematizam o *quadrivium* – astronomia, geometria, música e aritmética – e o *trivium* – gramática, retórica, lógica –, encerrando o ciclo de sua filosofia com ênfase nas ciências da linguagem verbal.

Juliana Bruno é da área de Letras; ela trabalha com tradução e aulas particulares de espanhol, italiano, francês, inglês e alemão. Nasceu em 1962; teve tempo de aprender todas essas línguas.

CADEIA VERBAL

se

por um acaso

você fosse presa

seu corpo em cena

diante da milícia

quem você invoca?

Hannah Arendt

eu não invocaria

sou

mais

Hildegard

von

Bingen

VÃ NO DIVÃ

em meu perfeito juízo
imagino como seria
beijar Kant na boca

quem sabe
talvez melhor que Sade

mais, ainda
se me deito com Lacan
feito Santa Tereza
de biquíni

SUPER-HOMEM

e por falar em biquíni
às vezes me imagino
como Lois Lane
saindo da piscina
posando de pin-up

por isso mesmo
se te apraz
ler Nietzsche
duvido
que se deleite
comigo

PÃ EM PÂNICO

o despertador me diz
wake up
hora de levantar

avante, adio
outra relação complicada
com minha amiga sombra
teatro
projeto da invasão de campo
aquário, janela para guerra
dança das plumas e das rocas
fuso que não tarda

NOONAUTA

crâneo, meu chapéu abóboda, céu
cartola, chaminé
boca de fumo desfeita em fumaça
— talvez assim esteja pronta —, salva
de fogos para iluminar os tetos,
saraivada de balas

sussurro, sua língua
parecia que dizia dhim dhim
dhage
tirakita
tu
na
kat
tha
dhage
tirakita
dhin
na

VINHO

imagine só, quando imagino
vou pela sombra, vou pelo som
murmúrio, subo pelas paredes
sobe por minha cabeça,
sentinela sem noção, sem sombra
de dúvida, dessa vez vou dançar
descalça nesse barril de uvas

LEITE

fazer um poema sobre o leite
posso começar fingindo...
eu me lembro
desenhar a mulher que se detém em maços de flores
e seu abraço – imitando Rivera –

mas – no Leite-bar Korova – eu me lembrei

da 1ª vez
era quente, tirado da vaca
da 2ª vez
tão frio, trincou o copo de vidro
da 3ª vez
ele veio dentro do tetraedro
pronto para se derramar no chão
no meio da sala

MEL

para o linguista Émile Benveniste

não giro tanto assim
com tantas voltas

se revoluciono
fico cada vez mais longe

também não preciso fazer-me de infinita
mudar do círculo para rodar em forma de oito
ser a planta de uma autopista

ÁGUA

para que se faça água
duas ânforas
entre azul e vermelho

lápiz lázuli
na asa da meganeura

vermelho terra me fará vermelha
três quartos abaixo dos joelhos

por isso é salsugem
– alguma alma líquida
nesses cantos hídricos –

GAROTA DA CHINA

Tao

Te

Queen

IS THIS THE REAL LIFE? Nº 1

Max Planck observa o plâncton
a bioluminescência na superfície do Mar Morto
deixa o físico absorto em seus pensamentos

IS THIS THE REAL LIFE? Nº 2

o que teria sido se
em vez de abelhas
Gregor Mendel
tivesse usado
Gregor Samsa?

IS THIS THE REAL LIFE? Nº 3

pois em verdade eu já fui Empédocles

já fui – sei lá – Xantipa

fui a sarça ardente – cannabis sativa

pássaro – pulpa

ardente peixe do mar – extinto pássaro roca

IS THIS THE REAL LIFE? Nº 4

se eu pilotasse a arca de Noé
e não, esse rebocador de merda
eu poderia dizer
– lutando pelo mundo –
eu sou poeta?

IS THIS THE REAL LIFE? Nº 5

sobre o tabuleiro
no nordeste brasileiro
o Sol abrasante

o Sol anarquista
brilhando no tabuleiro
é puro açúcar

pedaços de coco
rodela de abacaxi
bananas da terra

também penso em Freud
por quem minha latência
passeia entre as frutas

ÉDIPO POETA

quando você quer muito uma coisa
poeta
morar em Paris, por exemplo
imersa na canção francesa
– ouvindo aquelas merdas –
pensa em Édipo vagando cegamente
e
quem sabe
subvertendo Jocasta
você, abrindo os braços, grite
filho!
me foda como sua vaca

I CHING COM JOHN CAGE

ontem
eu comi um cogumelo
e foi como se eu ouvisse
ao mesmo tempo
vinte e quatro prelúdios e fugas
do cravo bem temperado

I CHING COM STOCKHAUSEN

encontrei

aleatoriamente

Stockhausen em Woodstock

perguntei

displícientemente

se ele veio para ouvir o Jimmy Hendrix

I CHING COM STEVE REICH

se eu me encontrasse com Steve Reich
no metrô de Nova Iorque
talvez ele me flagrasse lendo Traffic

BLOWJOB COM CARL GUSTAV JUNG

sou apenas uma diva
contente-se com minha boca

onde ouves estalo
será o clack do meu salto

jump! Jung
sapo em sua lagoa

– sou seu hexagrama –
jogue-se em minhas loas...

BLOWJOB COM NOAM CHOMSKY

para Luiz Rupestre

uma ideia verde passou por aqui
tão colorida como os quadros de Van Gogh
tão barulhenta como as peças de Russolo
que delicioso perfume verde vem desse fumo!

a criança parece dormir
— mas não se engane
estou bem acordada —

meus olhos mal estão fechados
minha boca é só prosódia
em sua forma lógica

BLOWJOB COM KURT SCHWITTERS

fuck my mouth wö tää zää uu,

porn gift,

kwii ee.

.....(1)

moooooooooooooooooooooooooouth,

.....(6)

dll rrrrr beeeee mouth

dll rrrrr beeeee mouth fuck mouth,

rrrrr beeeee mouth fuck mouth you,

beeeee mouth fuck mouth you tää,

mouth fuck mouth you tää zää,

fuck you wö tää zää uu:

.....(5)

SEXO LÉSBICO COM JOYCE MANSOUR

uma rumba

dois seios

três dedos de prosa

quatro, coragem para luta,

são cinco horas da manhã

seis seis seis é o número da Besta

sete piteiras – refiro-me aos agaves

oito, dois seios novamente

nove, dez, vinte goles de uísque

todos pitagóricos

HISTÓRIA EM QUADRINHOS

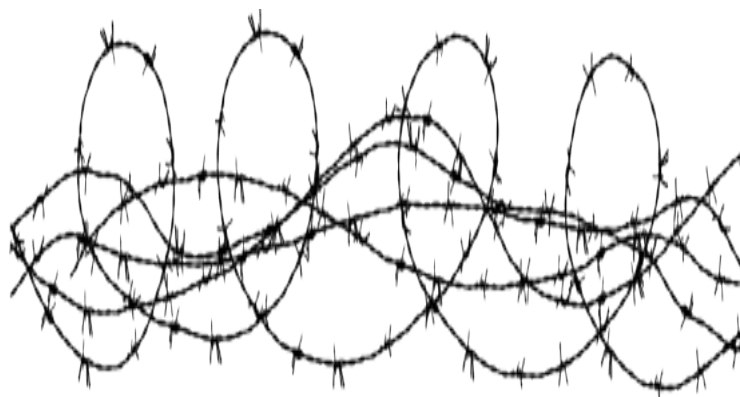
não sei se John Willie amarra
Isadora Duncan descalça

não sei se Tom Of Finland chupa
Michel Foucault de pau duro

não sei se Alison Bechdel curte
Gertrude Stein

POEMA VISUAL I

transei com um músico eletroacústico
e a foda saiu assim:



ARTE PORNO

zen for dick head

Nam June Pike

vagina vibes

Shigeko Kubota

SM barbed hula

Singalit Landau

GANESHA

ontem
enquanto dormia com Shiva
em sonho
ele me dizia:

você escolhe
se serás Gretchen
no jardim de Speer
ou
se serás Rosa
epifania de Durga

O MONSTRO DE FRANKFURT

como teria sido
se Victor Frankenstein se importasse
com a reprodutibilidade técnica
da obra de arte?

CALÍMACO EM AMSTERDÃ

existe sim, juro por Cíbele

ervas de algumas cores:

purple haze, orange bud, white widow

silver haze... jack harer...

black domina? desconfio de mim

ORLANDO EM AMSTERDÃ

em sua busca pelo coffeeshop
Orlando se perdeu pela cidade;
faminto, apelou por hot-dog
via ervas em todos os lugares...
enfim, distante do museu Van Gogh
e apesar de todos os pesares,
com calma, enrolou o baseado,
mandou fogo – Orlando está chapado!

JULIETTE EM AMSTERDÃ – *primeira versão*

Juliette passeia pela Warmoesstraat
iluminada pela luz neon dos sexshops
a personagem reflete sobre a dialética

JULIETTE EM AMSTERDÃ – *segunda versão*

Juliette passeia pela Warmoesstraat
iluminada pela luz neon dos sexshops
reflete sobre a dialética do esclarecimento

BLOWJOB COM IAN ANDERSON

mister Lomas

– posso te chamar de Ray? –

então pode me tirar as roupas

my day fashion shoes são seus

you suck my toes

nessa hora, em meus umbrais

escuto um haikai:

eu chupo seu pau

too old to rock'n'roll:

too young to die!

NEBULOSA JULIANA

no Museu D'Orsay

Edwin Hubble se detém diante da *Origem do Mundo*
de Gustave Courbet

anos depois

me detenho diante de Hubble
como se posasse para Courbet

GEOJULIANA

à noite

no meu quarto

discuto com Platão a geopolítica do cosmos

anos atrás

na planície do assoalho

a crise entre a jujuba e a naftalina

CONCERTO PARA JULIANA

missão Marte
ao som das curvas senoidais
minha nave tem forma de míssil

na rádio toca Khachaturian
– não é o adagio da suíte do balé Gayane,
mas a valsa da Masquerade –

NÚMERO JULIANO

estou em Samos
dessa vez começo pelo aulo
diga didgeridoo

cercada de mar
são ondas dentro do tubo sonoro
pontos, provavelmente

JULIANA EM REGRAS GRAMATICAIAS

estou em regras
meu corpo é meio Lua
sou metade ave, metade mulher

são outras regras
esqueça das estruturas
pensa no serialismo

JULIANA E SUA RETÓRICA

Juliana em sua janela
Ahab sem perna
Saci, chapada de fumo

medito no átomo de carbono
em forma de flor
Ceres e a Quimera

LÓGICA JULIANA

ah! um Buraq pousou na minha sorte
pretendo visitar a Lua
agora, quase no fim, acende aquela lâmpada

pergunto qual é mais pesado
um quilo de algodão ou um quilo de chumbo?
é lógico que é um quilo de chumbo!

A filosofia dos cabelos invertidos
é uma produção da série Polifemo
concebida e organizada por
Antonio Vicente Seraphim Pietroforte,
Matheus Bueno e Luciano Homem de Barro